

Os GUARANI: sua trajetória e seu modo de ser

Texto: Graciela Chamorro

Fotos: Paulo Porto Borges

Capa: Artur Nunes (baseado em arte indígena brasileira)

Agosto de 1999

IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

COMIN - Conselho de Missão entre Índios
Rua Amadeo Rossi, 467 - Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo - RS - Brasil
Fone: (0xx51) 590-1440 - Fax: (0xx51) 590-1603
E-mail: comin@est.com.br

Sumário

Apresentação	5
Introdução	6
Os Guarani: sua trajetória e seu modo de ser - <i>Graciela Chamorro</i>	7
1. Sob o impacto da cruz e da espada	7
Três alianças	8
Opressão estrangeira	9
“Encomienda”	10
“Cidades de refúgio”	11
Nova cultura	12
2. Cativos em sua própria terra	12
Causas do êxodo	14
História nada exemplar	15
Direito à terra	16
Saúde indígena	16
Desequilíbrio ecológico	18
Povos em extinção?	19
3. Para alcançar “belas palavras”	19
Encarnação da palavra	20
Amor à vida	21
4. Culturas locais e globalização: o destino das borboletas	23
Instauração do diálogo	24
Caráter restitutivo	25
Referências	27

Apresentação

Aos poucos vão surgindo facetas novas de histórias e da história. Por muito tempo aceitamos sem muita ou nenhuma discussão versões de acontecimentos passados publicados por pessoas, grupos ou entidades que detinham um poder muito absoluto e que propagavam para o mundo e o tempo, consciente ou inconscientemente, versões de sua ação. Entre outros, o Estado e a Igreja fizeram muito isso. E muitas vezes nem era o Estado e a Igreja. Muitas vezes era um pequeno grupo do Estado e da Igreja que na estrutura vigente detinha todo o poder de decisão e execução. Às vezes era uma só pessoas que decidia este ou aquele caminho, e, em algumas ocasiões, vida e morte.

Isso está mudando. Há um número crescente de entidades, grupos, pessoas que direcionam sua atenção a cada vez mais níveis de acontecimentos da história, especialmente àquelas pessoas ou realidades que foram obrigadas a viver as conseqüências das decisões de detentores do poder. E aí aparecem novos quadros, bem diferentes dos quadros “oficiais”.

Graciela Chamorro é uma dessas pessoas que presta esse serviço em todos os seus textos sobre a história e vida indígenas, também no texto das seguintes páginas.

O COMIN também tem se esforçado em favor de uma visão mais ampla e mais verdadeira e justa das coisas que acontecem à nossa volta. Não faz isso para ser juiz do passado. É muito difícil julgar o passado com critérios de hoje.

O COMIN e outros fazem isso na esperança de poderem contribuir para um mundo e uma vida com mais amor e justiça para todas as pessoas e todos os povos, e também, cada vez mais, para a fauna, a flora e os minerais.

Wilfrid Buchweitz
Presidente do COMIN

Introdução

Em uma conversa informal com amigos sobre o tema dos 500 anos de conquista foi lançada a idéia de organizar-se uma exposição fotográfica sobre o povo Guarani. Alguém sugeriu que ela se deveria destinar a escolas, comunidades e grupos engajados em favor dos povos indígenas tanto no Brasil como na RFAlemanha. Outra pessoa sugeriu que se organizasse a exposição a partir de fotografias de Paulo Porto Borges e textos de Graciela Chamorro.

Feitos os contatos e assumida a tarefa pelos dois, iniciou-se um longo processo de seleção de fotos e composição do texto.

O resultado queremos apresentar a seguir.

O texto deste Caderno, pois, foi escrito por Graciela especificamente para dar subsídios àquelas pessoas que, tocadas pela exposição, querem informar-se sobre a história e jeito de viver do povo Guarani e refletir sobre a sua própria maneira de encarar a vida.

Dos 26 quadros (50 x 60 cm) - em 24 são retratadas crianças, famílias e lideranças do povo Guarani e em dois textos explicativos à exposição - de Paulo, infelizmente, só nos foi possível incluir 16 neste Caderno.

A exposição, em todos os casos, está à disposição de grupos interessados como um todo ou em séries de 13 fotos cada. O empréstimo é gratuito. Cabe aos grupos interessados assumirem somente os custos de transporte. Cada exemplar deste Caderno pode ser adquirido ao preço de R\$ 3,00.

Definimos como objetivos desta exposição:

- Ajudar para que o povo Guarani se torne mais visível aos olhos de nossa sociedade como um povo cultural e espiritualmente muito rico;
- Permitir que membros deste povo falem através das fotos aos e às visitantes da exposição;
- Oportunizar às pessoas sensíveis e interessadas na história, vida e jeito de ser do povo Guarani um vislumbre de sua realidade atual;
- Confiar que o sentimento de estética e de justiça prevaleça no coração de muitas pessoas sobre o preconceito e a necessidade de homogeneização.

Esperamos que tanto as fotos como o texto nos aproximem dos povos indígenas.

Arteno I. Spellmeier
Coordenador do COMIN

OS GUARANI: sua trajetória e seu modo de ser

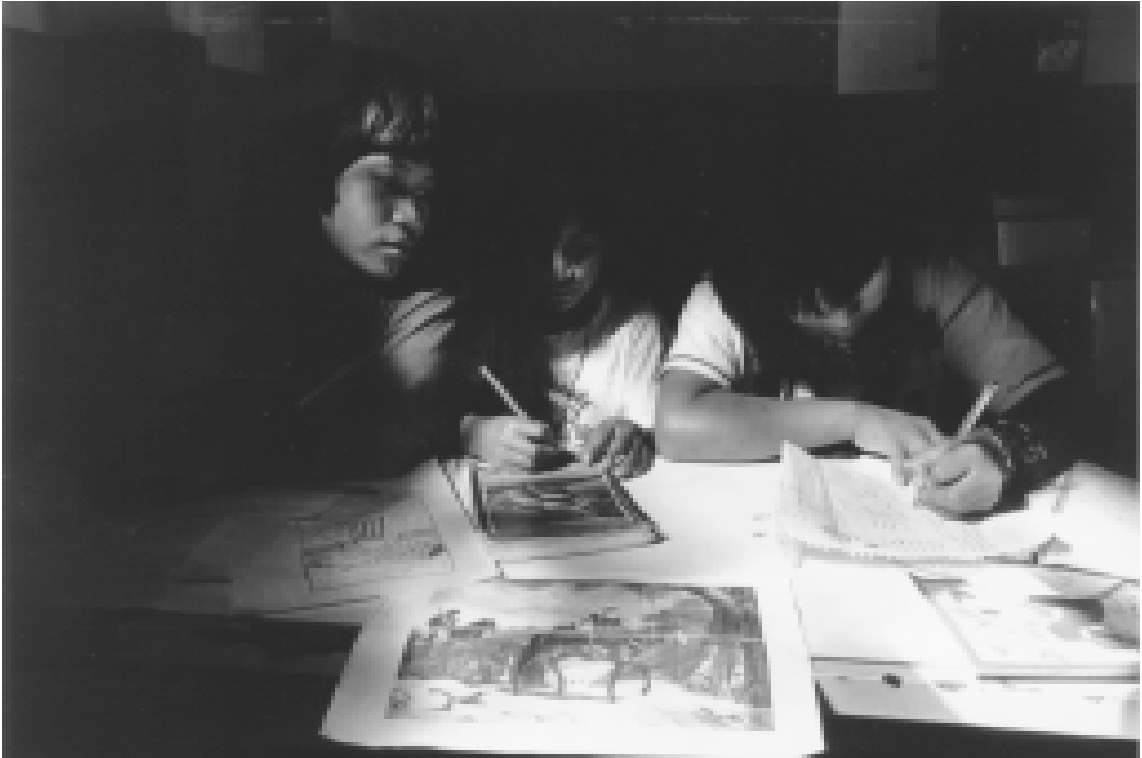
Graciela Chamorro

Os grupos Guarani atuais pertencem ao tronco lingüístico Tupi-Guarani. Há pelo menos 2500 anos, este teria se desdobrado do tronco Tupi mais antigo, cuja história abarca por sua vez, no mínimo, 5000 anos. Os Guarani são incluídos freqüentemente na denominação genérica de “povos amazônicos”, com o que se quer fazer menção ao lugar de origem de seus ancestrais: a Amazônia. A história dos Tupi tem por cenário a floresta tropical, enquanto a dos Guarani, as matas subtropicais da bacia dos Rios Paraguai, Paraná e Uruguai. A história destes povos, portanto, está longe de reduzir-se aos cinco séculos de história da colonização européia na América. Se começamos este texto com dois símbolos coloniais, é apenas por considerar pertinente enfatizar as conseqüências nefastas que a conquista teve sobre a sociedade Guarani. Muitos discursos se empenham hoje em fazer apologia dessa aventura.

1. Sob o impacto da cruz e da espada

Dentre as populações nativas que ocupavam a vasta região que se estende desde a Amazônia até o Rio da Prata e desde o Oceano Atlântico até a Cordilheira dos Andes, as denominadas “Guarani” foram as mais afetadas pelas conquistas e colonizações espanhola e portuguesa e pelo projeto civilizatório levado a cabo, de forma longa e sistemática, por padres seculares e por missionários franciscanos e jesuítas.

No tempo da conquista européia, foram contatados em torno de 14 grandes grupos de populações Guarani. Apesar de compartilharem da mesma matriz lingüística e cultural, mantinham entre si também diferenças significativas, que os configuravam como unidades sociais e territoriais independentes e circunstancialmente inimigas entre si. As primeiras unidades contatadas foram a dos Carijó, situada na parte Sul do litoral atlântico - à altura do atual estado de Santa Catarina - e a dos Cário, nas imediações de onde foi fundada a cidade de Assunção. Não é, pois, sem motivo que nessas regiões predomine, já de longa data, uma população de origem européia, no caso do Brasil, e uma outra que, embora tenha ascendência biológica indígena, se identifique, quase que exclusivamente, com a parte européia da sua origem, no caso do Paraguai.



Escola indígena Guarani Kyringue Yvotyty - Guarani ñembo'eháva "Kyringue yvotyty" - Mitãngue ompopara kuatia - Aldeia Sapukai/RJ - 1998

Três alianças

Costuma-se afirmar que os primeiros contatos entre europeus e Guarani foram marcados por três alianças: nas esferas social, econômica e política. No âmbito social, o coração da aliança foi a mestiçagem biológica. Por acharem que os forasteiros eram "boa gente", os indígenas, como prova de amizade, "deram-lhes suas filhas" como esposas, a fim de torná-los membros da mesma família. Deste modo, no começo, "toda a parentela indígena servia seu cunhado honrando-o como novo parente" (MCA I, p. 163).

É provável, porém, que o relato acima - referente aos indígenas em cujas terras foi fundada Assunção - não se aplique a todos os grupos Guarani. Como é sabido, com muitos deles, a guerra foi a primeira forma de contato. Nesses casos, a incorporação das mulheres pelos europeus teria sido consequência da derrota dos indígenas, sinal de submissão, e não de amizade.

No aspecto econômico, Ulrich Schmidl, soldado alemão presente na fundação de Assunção, em 1537, e Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, 2o Adelantado do Rio da Prata, a partir de 1540, registraram, por vontade dos Reis da Espanha "a divina abundância em comida da terra" com a qual os indígenas, "pela divina graça", sustentaram os europeus nos primeiros anos do contato. No litoral catarinense, sobretudo, a aliança econômica foi uma das primeiras formas de contato, já que o local era base de descanso e abastecimento das expedições espanholas.

A aliança se completava no âmbito político, consistindo na utilização que os colonizadores fizeram da cultura dos indígenas com os quais estavam aparentados. O conhecimento topográfico dos Guarani e sua habilidade guerreira, assim como sua inimizade com outras populações, foram usados pelos europeus para guerrear contra os nativos livres ou não submetidos.

Opressão estrangeira

Em pouco tempo, porém, os Guarani perceberam que a intenção dos estrangeiros era outra e se levantaram contra seus já “mal-afamados cunhados”. Estes haviam implantado um “governo mais despótico e tirânico do que político e cristão” (MCA I, p. 163), o que desestruturou, em poucas décadas, as instituições indígenas. Houve uma trágica diminuição da população, provocada pelo trabalho escravo, massacre, uso descontrolado de contraceptivos, aborto, infanticídio e suicídio. Particularmente para as mulheres, ter descendência nessas condições deploráveis de vida se tornou uma experiência tão terrível, que davam fim a seus descendentes naturais: “muitos se enforcam e outros deixam-se morrer sem comer e outros bebem ervas venenosas (...) há mães que matam seus filhos logo que nascem para livrá-los dos trabalhos que elas e seu povo padecem” (Gandia, 1939, p. 347).



*Liderança Guarani em luta pela terra - Opoguýpe mba'e erekoáva yvy rehe omarámbota
- Aldeia de Barra do Ouro/RS - 1995*

Ao gesto amistoso dos Guarani os estrangeiros responderam com ingratidão, abuso e opressão. Quando mais tarde, sob o peso da opressão, os indígenas não mais os queriam como cunhados, os colonizadores passaram a recrutar à força as mulheres indígenas, não só para se servir delas como escravas e esposas, mas também para vendê-las ou trocá-las por objetos.

Um dos primeiros líderes guarani a intuir a má intenção dos estrangeiros foi Aracaré. Seu lema - como o dos que o sucederam na liderança contra a colonização - foi “expulsar os cristãos das terras dos Guarani”.

Os enfrentamentos entre indígenas e europeus nos primeiros grupos contatados forçaram os colonizadores a fazerem contato com outros grupos Guarani. E estes, por sua vez, à medida que iam se tornando vítimas da ganância e da ambição dos colonizadores, que os submetiam a diversas formas de escravidão, foram sendo substituídos por indígenas recém-capturados.

“Encomienda”

Na área de colonização espanhola, a instituição através da qual, a partir de 1556, se escravizavam os indígenas era a “encomienda”, da qual o “encomendero” era o agente imediato. Sob seu comando, realizavam-se incursões para capturar indígenas livres e submetê-los à economia colonial, como agricultores, ervateiros ou escravos domésticos.

A instituição beneficiava duplamente os colonizadores e prejudicava duplamente os indígenas. Ela não só legalizou o trabalho escravo do indígena, desestruturando com isso sua família tradicional, mas também lhe ofereceu em troca um bem simbólico, a religião cristã, que veio a ser o símbolo do mal para muitos Guarani.

Nesse contexto, constata-se que de todos os lados surgiram homens, mulheres e até crianças que desestabilizaram a colônia, falando “em nome de Deus”. Segundo o clérigo Martin González, era porque os indígenas viram não haver fim para seus trabalhos (Cartas de Índias, 1877, p. 626). Diante dessa situação e notando as absurdas baixas da população indígena, o que punha em risco a colonização, o então governador do Paraguai compreendeu que, se a espada estava fracassando, a cruz poderia salvar a colônia. Assim, “(...) renunciando aos meios militares, propôs o envio de missionários que reduzissem os selvagens pela pregação religiosa” (Garay, 1942, p. 55-6).

A intenção política subjacente era que as ordens religiosas persuadissem os ânimos dos indígenas revoltosos, infundindo-lhes boa disposição para o Evangelho e para o trabalho “encomendado”, e que os missionários contatassem novos grupos indígenas espalhados na mata, reunindo-os em um local - a redução -, a fim de instruí-los na “vida política e humana”. O desdobramento econômico disso consistia na responsabilidade que a missão tinha de fornecer, periodicamente, mão-de-obra escrava para as regiões onde os indígenas já tinham desaparecido ou estavam por desaparecer.

“Cidades de refúgio”

Mas não só nos povoamentos de colonização espanhola esperava-se suprir com índios reduzidos pelos missionários o vazio deixado pelos indígenas foragidos ou mortos. Também os colonizadores portugueses olhavam com ambição a população indígena concentrada nas reduções. Por várias décadas, agiram predatoriamente, capturando a população reduzida para preencher as lacunas deixadas pelos indígenas mortos sob o peso do trabalho escravo.

Assim, acossados pelos espanhóis, de um lado, e pelos portugueses, de outro, muitos Guarani encontraram nas reduções uma espécie de “cidades de refúgio”, a partir das quais, certamente, acreditavam poder retardar, dificultar e até neutralizar a ação dos inimigos.



Família de Pedro Eusébio - Pedro Eusébio ñemoñangáva - Aldeia de Sapukaí/RJ - 1998

Dentre os religiosos que atuaram entre os Guarani, os jesuítas destacaram-se por criticar a situação em que se encontravam os indígenas, denunciando a exploração que pesava sobre eles e defendendo seu direito de libertar-se dessa condição. Comparando-a com as opressões conhecidas na Europa da época, eles afirmavam que a escravidão indígena sobrepujava todas elas. Entre as maldades praticadas contra os Guarani, destacavam o trabalho nos ervais: “Lastima a vista e parte o coração”, escreve Ruiz de Montoya, “ver os grandes ossários dos indígenas que morreram nos ervais, de fome, de sede e esgotados sob o peso de suas cargas” (1892, p. 35-8).

Frente a essa situação, os jesuítas empenharam-se para fazer cumprir as leis que regulamentavam o trabalho indígena. Assim, conseguiram que os indígenas por eles reduzidos fossem vassallos diretos do Rei, sem intermediação das autoridades coloniais seculares.

Mas as reduções também atendiam ao projeto da coroa espanhola de reduzir os indígenas das “novas terras” à “vida política e humana”. Ao converter os indígenas à religião cristã, os missionários acreditavam estar humanizando os nativos. Isto devia concretizar-se na adoção de um novo modo de ser, o modo de ser considerado, então, cristão e civilizado. E as reduções mostraram competência nessa tarefa.

Nova cultura

Nesse sentido, o governador do Paraguai teve razão. A cruz sobrepujou a espada e o resultado da conquista espiritual - do colonialismo mitigado - excedeu em muito aquele conseguido pela colonização secular. As reduções alcançaram a façanha de criar uma nova cultura, que fazia jus ao projeto da coroa de reduzir os indígenas ao que entendiam ser a vida política e humana (Melià, 1997, p. 24).

Mas os jesuítas também enfrentaram, por muitas décadas, a resistência indígena ao novo modo de ser imposto nas reduções. Sobretudo os líderes religiosos nativos tornaram-se porta-vozes da crise que representava para os aborígenes a presença dos sacerdotes. Com novas doutrinas, estes queriam privá-los do seu antigo e bom modo de viver.

Porém, passados os anos de implantação das reduções - durante os quais os padres da Companhia mostraram eficiência na liderança espiritual e temporal, ao introduzir medicina, animais, plantas, instrumentos e utensílios metálicos -, os profetas indígenas, um a um, foram sendo cooptados, erradicados, mortos, fragilizados e, finalmente, substituídos pelo novo guia espiritual.

A peculiaridade das reduções franciscanas e jesuíticas foi que elas colonizaram os indígenas e conseguiram que eles adotassem um novo modo de ser, sem nenhuma mestiçagem biológica. Não era permitida a entrada de espanhóis, mestiços, mulatos ou negros nas reduções ou “povos de índios” administrados pelos sacerdotes dessas ordens. Mesmo assim, sem a presença física de agentes seculares de colonização, os grupos Guarani reduzidos foram colonizados. Sobre eles pairavam uma relativa exploração econômica, uma acentuada dominação política e a absoluta impossibilidade de continuarem sendo os mesmos.

2. Cativos em sua própria terra

Pressionada pelo avanço da colonização européia, a população Guarani que permaneceu fora das reduções e do âmbito de ação de encomendeiros e bandeirantes foi sendo paulatinamente empurrada para as matas adjacentes ao Rio Paraná. Ali permaneceu escondida e, por isso, mesmo preservada.

Somente com os transtornos causados pela Guerra da Tríplice Aliança (Brasil,

Argentina e Uruguai x Paraguai), de 1865 a 1870, esses grupos que até então viveram relativamente isolados iniciaram uma reocupação dos territórios antigamente já habitados por outros grupos Guarani. Muitos criaram pequenas aldeias no Oeste brasileiro. Outros deslocaram-se em direção ao centro do país e do litoral atlântico em busca da “Terra Sem-Males”. Uma dessas migrações foi acompanhada pelo indigenista alemão Kurt Unkel, batizado “Nimuendaju” pelos indígenas. Ele registrou o discurso fundador dessa mobilização:

“Ñanderuvusu (Nosso Grande Pai) veio à terra e falou a Guyrapotý (nome do xamã incumbido de liderar a partida): ‘Procurem dançar!, a terra quer piorar!’ Eles dançaram durante três anos, quando ouviram o trovão da destruição. A terra desabava pelo oeste. E Guyrapotý disse a seus filhos: ‘Vamos! O trovão da destruição causa temor.’ E eles caminharam, caminharam para o leste, para a beira do mar. E eles caminharam. E os filhos de Guyrapotý lhe perguntaram: ‘Aqui não vai surgir de imediato a ruína?’ - ‘Não, aqui a ruína vai surgir após um ano, dizem’. E seus filhos fizeram roça” (Nimuendaju, 1987, p. 155).



Casa indígena - Aldeia Brakui

Movimentos como esse foram consideravelmente intensificados com o avanço das colonizações brasileira e paraguaia sobre a mata contígua ao Rio Paraná. O caminho percorrido por esses novos “viandantes” foi o seguinte: do Paraguai passaram para a

Argentina e de lá, na busca da costa atlântica, para o Brasil. Hoje encontram-se em pequenas comunidades desde o Rio Grande do Sul até o Pará, em terras pertencentes a outros grupos étnicos, em moradias improvisadas à beira de estradas, em terras cedidas por prefeituras ou em territórios administrados por entidades ambientalistas.

Causas do êxodo

Na motivação que os impulsiona a caminhar aparece claramente a necessidade de ter um lugar onde lhes seja possível viver em segurança seu antigo modo de ser. A causa última de seu “nomadismo” deve-se à busca da “Terra Sem-Males”, que, na orientação espacial do grupo, fica do outro lado do Atlântico, como pode ser verificado nos seguintes cantos:

*Che kyvy'i, che kyvy'i, ereo rire
Ejevy voi jaa aguã, ejevy voi jaa aguã
Jaa mavy, jaa mavy joupive'i
Para rovái jajerojy, para rovái jajerojy
(Memória Viva Guarani, canto 4).
Ore ru, orembo'e katu ne amba roupity aguã*

Ore ru, orembo'e katu ne amba roupity aguã

*Ñañembo'e, ñañembo'e e'i
Para rovái jajapyra aguã
Para rovái jajapyra aguã
Jajerory, jajerojy
Jajapyra aguã*

*Meu irmãozinho, meu irmãozinho, você se foi
Retorne logo, retorne logo
Para irmos juntos, para irmos juntos
Reverenciando a Deus, do outro lado do oceano*

Nosso Pai, ensina-nos como chegar à tua morada

Nosso Pai, ensina-nos como chegar à tua morada

Rezemos, rezemos

Para atravessarmos ao outro lado do oceano

Para atravessarmos ao outro lado do oceano

Reverenciemos ao Pai, reverenciemos ao Pai

Para atravessar para o outro lado do oceano

(Memória Viva Guarani, canto 8).

A causa penúltima do êxodo indígena, porém, se encontra no Oeste. Poucos anos depois do término da “Guerra do Paraguai” ou “Guerra Grande”, o governo paraguaio outorgou ao cientista suíço Moisés S. Bertoni (1857-1929) uma superfície de 10.000 hectares de mata virgem, alienando assim uma parte da terra habitada pelos Mbyá-Guarani (Burri, 1993, p. 28). Semelhantemente, outras pessoas e empresas adquiriram enormes propriedades na região. Valha como exemplo “La Industrial Paraguaya S.A.”, que concentrou uma área correspondente a 17% das terras da região oriental do Paraguai (3.502.727 ha) e dedicou-se à exploração da erva-mate (Garlet, 1997, p. 41).

A causa mais gritante da atual dispersão, porém, é sem dúvida a colonização que se intensificou, na segunda metade deste século, na região de fronteira entre Paraguai e Brasil. Uma das características da ocupação das terras dessa região é a violência com a qual a natureza foi subjugada e posta a serviço do “progresso”. A monocultura avançou derrubando matas, expulsando os indígenas que nelas habitavam ou sujeitando-os como peões baratos às novas fazendas, cujos proprietários são, na maioria, brasileiros.

História nada exemplar

É curioso e “irônico” constatar que, enquanto os Mbyá-Guarani que percorrem o litoral e a região Sul do Brasil são considerados “índios paraguaios” por órgãos do Estado brasileiro - que tentam, desse modo, evadir-se da responsabilidade frente a esses indígenas -, a terra que eles e seus ascendentes habitavam no Paraguai está, em grande parte, sob o poder dos “brasileiros de Stroessner”. Esses proprietários são chamados assim pelos paraguaios por terem adquirido, a partir de 1962, no tempo do Ditador do Paraguai, grandes extensões de terra a preço baixíssimo (Burri, 1993, p. 28-9). Nem o Brasil tampouco o Paraguai levaram em conta que, ao lotear essas terras, não estavam só se aliando para “o progresso”, mas desbaratando a fonte que abastece a economia, a sociedade e a religião de uma cultura local milenar.



Rezador Guarani Kaiowá Pai Paulito - Karai ohendúva Pa'i Paulito - Aldeia Panambizinho/MS

A vida dos Mbyá-Guarani que permaneceram na região como mão-de-obra barata nas fazendas é comentada como “uma história nada exemplar” por Stefanie Burri. Vivendo já na quarta geração quase exclusivamente da “changa” (serviço esporádico remunerado), a autora nota entre esses indígenas: desintegração social e religiosa, individualismo, solidão e consumo excessivo de bebida alcoólica (1993, p. 30). Para ela, o pessimismo é maior quando, além de se saber que a “Terra Sem-Males” já não existe, ninguém mais a procura.

Mas voltemos aos Mbyá-Guarani retratados por Paulo Porto Borges, esses que falam do yvy marae'ÿ como uma terra preservada para eles e que alcançarão em breve.

A busca da "Terra Sem-Males" tem sido interpretada, erroneamente, como algo utópico, como um não-lugar. Como se, para aperfeiçoar a vida e se aperfeiçoarem, os indígenas pudessem prescindir de espaços concretos.

Direito à terra

Essa interpretação tem favorecido um certo descompromisso dos agentes indigenistas que atuam entre os Mbyá-Guarani, no sentido de intermediar as reivindicações dos indígenas perante as instâncias decisórias do Estado. Se essa atitude persistir e não for revertida a situação atual (das 63 áreas de ocupação hoje existentes na região Sul do Brasil, apenas uma área é demarcada e apenas uma homologada), para Garlet e Assis não resta dúvida de que "o único espaço que restará aos Mbyá será o projetado para o além" (1999, p. 10).

Em parte, essa postura pode ter sido influenciada pelos próprios indígenas. No passado, estes foram contrários à demarcação de espaços específicos para eles, por negarem o direito à apropriação individual de bens comuns e por entenderem que a demarcação de espaços poderia obrigá-los a uma sujeição ao Estado brasileiro (Garlet & Assis, 1999, p. 11). Nos últimos anos, porém, os Mbyá-Guarani têm reivindicado para si o direito à terra, como é cantado na canção 9 do CD gravado recentemente por eles.

Peme'ë jevy, peme'ë jevy

Ore yvy peraa va'ekue

Roiko'i aguã

Restituam, restituam

A nossa terra que vocês tomaram

Para que a gente continue vivendo

(Memória Viva Guarani, canto 9).

O discurso religioso que sustenta a reivindicação é a convicção de que, para alcançar a "Terra Sem-Males", é preciso viver conforme o sistema guarani: caçar, plantar e celebrar como um Guarani. Para tal, é imprescindível a terra (tekoha), pois sem ela não há cultura (teko).

Particularmente, a situação fundiária dos Mbyá-Guarani acampados à beira de estradas é a mais periclitante. Esses acampamentos estão situados ao longo das rodovias públicas dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Garlet e Assis escrevem a esse respeito:

"A preferência é por locais onde ainda seja possível encontrar faixas de mata e alguma oferta de matéria-prima para a confecção de artesanato (...). Conseqüentemente, as famílias (...) dependentes estão continuamente expostas a mais gritante miséria, enfrentando fome, alta incidência de doenças, impossibilidade de manter ativas práticas culturais importantes como os rituais religiosos e morando em insalubres barracos cobertos de lona plástica" (1999, p. 13).

Saúde indígena

Às dificuldades criadas pela ideologia da globalização e à inoperância e ao retrocesso do governo na política de demarcação das terras indígenas deve ser somada a lentidão com que se age frente aos sérios problemas que afetam, direta e negativamente, a vida dos Guarani. Um desses exemplos é do âmbito da saúde.

As diretrizes apresentadas na 2ª Conferência Nacional de Saúde Indígena, em 1994, visavam a implementação de uma eficiente política sanitária para os povos indígenas do Brasil. Mas até agora não saíram do papel.



Rezador Guarani

“Saúde” é um dos tópicos que melhor ilustra a diferença entre a cultura chamada ocidental e a indígena. Para esta, “saúde” e “doenças” não são dados independentes do todo. A doença de uma pessoa é entendida como desequilíbrio que aparece no corpo humano, mas sem se restringir a ele. A enfermidade indica a presença do mal em outros âmbitos da realidade. Não é só o corpo da pessoa que adoce, mas ela como um todo. Uma doença não diz respeito só à pessoa que a sofre, mas à comunidade da qual ela faz parte e ao meio ambiente.

Nessa lógica, os Guarani interpretam as doenças adquiridas no contato, sobre as quais sua medicina tradicional não tem poder, como sintomas de um grande mal que deteriora o equilíbrio da sociedade e do ecossistema como um todo. A comparação é direta: assim como a pessoa fica doente, a natureza também adoce. E já que os terapeutas tradicionais não dão conta das doenças transmitidas pelos “brancos”, os Guarani não têm alternativa a não ser recorrer à medicina convencional, para amenizar o mal no corpo humano e no corpo da terra (Garlet, 1998, p. 4-5).

O corpo humano não resiste se a sua base biológica estiver doente, se a terra

for escassa, se não houver uma ecologia favorável, se o sistema econômico e o sistema social estiverem desintegrados. Assim como os indígenas reconhecem a insuficiência da sua medicina tradicional para curar algumas doenças como bronquite, pneumonia, tuberculose e AIDS, uma política responsável na área de saúde indígena deve levar em conta o valor da terapia indígena, respeitá-la e reconhecer que ela é capaz de contribuir para o conhecimento humano.

Desequilíbrio ecológico

Essas coisas aproximam-nos de um outro exemplo que ilustra o antiindigenismo em que resulta a política desenvolvimentista dos países onde residem os Guarani: o desequilíbrio ecológico causado pelo desmatamento e pelas inundações oriundas das hidrelétricas construídas perto ou dentro das aldeias indígenas. Destaco a maior delas, a maior do mundo: Itaipu (a pedra que canta). Construída nos anos 70, para os Guarani da região do Rio Paraná Itaipu é a pedra que chora. Chora a desgraça dos que perderam seu habitat tradicional, dos que ficaram desamparados e abandonados. Privados da



Crianças Guarany - Kyringue Sapukaípegua
- Aldeia de Sapukaí/RJ - 1998

fonte que lhes fornecia a base material para satisfazer suas necessidades, os Guarani foram obrigados a trabalhar nas fazendas que, na época, se expandiam na região ou apelaram para migrações compulsivas na busca de uma terra propícia para viver como indígenas.

Cabe aplicar à história desses grupos Guarani o que o pesquisador Luigi Miraglia escreveu em 1975, quando o avanço da colonização sobre as matas parecia irreversível.

“Estudando já há meio século a ecologia destas regiões, posso prever que se o ambiente natural continuar sendo modificado com o ritmo desta última década, dentro de alguns anos (...) as Cataratas e as quedas do Paraná estarão transformados em tranquilos lagos e as selvas imensas que se estendiam sobre ambos os lados do grande rio terão sido substituídas por plantações, entre as quais surgirão novas cidades. Então este trabalho poderá ser útil aos etnógrafos que caminharem pelas ruas dessas cidades, para lhes ajudar a compreender como nestes mesmos lugares houve selvas onde vagavam (os Guarani)” (Acción, 1995, p. 19).

Hoje, a situação dos indígenas dessas terras corrobora plenamente a profecia de Miraglia. A terra está devastada; nas cidades, prédios imponentes substituem as árvores nativas; brasileiros, paraguaios e argentinos orgulham-se do progresso implantado na região e tentam ignorar os indígenas. Estes perambulam silenciosos pelas ruas e estradas, com seus balaios, suas esculturas e as crianças com as quais Deus lhes multiplica a esperança. A esse respeito fala um dos líderes religiosos do grupo:

As crianças são como as sementes das plantas e, como elas, necessitam de cuidado para serem felizes e experimentarem a mesma alegria que os arrozais sentem quando são beijados pelo vento. Enquanto crianças crescerem no mundo haverá esperança. Se assim não fosse, poder-se-ia plantar milho, mas este não daria fruto, as mulheres engravidariam sem nunca chegar a parir, nossos desejos já não seriam tão fortes para poder acontecer. Sem crianças no mundo, o mundo acabará (Chamorro, 1988, p. 182-3).

Povos em extinção?

Na verdade, para a história oficial dos países onde estão situados, os Guarani nada mais são do que povos destinados a desaparecer.

Contudo, apesar de todos os imperialismos, colonialismos e reducionismos, quase cinco séculos depois, os grupos Guarani remanescentes protagonizam uma história distinta da dos países onde estão localizados hoje: a Bolívia, o Paraguai, a Argentina e o Brasil. Com isso, na avaliação de Melià, eles nos dão “um exemplo e um impulso para renovadas atitudes de sereno heroísmo” (1997, p. 36).

Dos 14 grupos Guarani contatados nos séculos XVI e XVII, dez desapareceram. Os quatro que subsistiram são os Chiriguano, os Paĩ-Tavyterã ou Kaiová, os Chiripá ou Nhandeva e os Mbyá. Com exceção dos Chiriguano da Bolívia, a maior parte dos Guarani atuais está confinada em reservas superpovoadas ou em pequenas aldeias sob a “proteção” do Estado, além dos já comentados Mbyá-Guarani, que estão acampados à beira das estradas e das cidades.

3. Para alcançar “belas palavras”

Mesmo nas condições relatadas, os grupos Guarani vêm demonstrando, ao longo dos séculos, a sua força de vontade de ser o que são, sendo sua religião a melhor expressão dessa vontade de ser. Nela, eles sintetizaram não só as experiências de risco e de derrotas que tiveram, “mas também a tranqüila e alegre consciência de possuir um bem que se perpetua dia após dia, fazendo continuamente memória do seu futuro” (Melià, 1997, p. 36).

Em outras palavras, os Guarani escolheram sua religião como afirmação diante da sociedade ocidental, como forma de continuar sendo os mesmos e de evitar ser reduzidos a cidadãos genéricos. Nessa religião, a “palavra” ocupa o centro do sistema.

Ela é o conceito-existência que explica como o indígena se compreende e compreende sua existência.

Eles entendem que, no princípio, antes de se formar qualquer um dos seres, era a palavra:

“Antes de existir a terra, no meio das trevas primogênicas, antes de se ter conhecimento das coisas, criou o que seria o fundamento da linguagem humana” (Cadogan, 1959, p. 19-20).

É dessa palavra fundamental que procedem os humanos. Eles foram constituídos “por” e “na” palavra, “por” e “na” substância divina:

“Criou nosso Pai o fundamento da linguagem humana e a tornou parte da sua própria divindade (...) tendo refletido, profundamente, da sabedoria contida na sua própria divindade e em virtude da sua sabedoria criadora, criou aqueles que seriam companheiros e companheiras de sua divindade” (Cadogan, 1959, p. 19, 21).



Professores Guarani Roberto Silveira e Nírio da Silva - Porombo'ehára Guarani Roberto Silveira ha Nírio da Silva ygâpy - Angra dos Reis/RJ

Encarnação da palavra

Para os Guarani, cada pessoa é uma encarnação da palavra. No nascimento, essa palavra providencia um lugar para si no corpo do novo ser. No batismo da criança, o xamã revela o nome da mesma, marcando com isso a recepção oficial da nova palavra

na comunidade. As crises da vida são compreendidas como uma dissociação entre a pessoa e o seu nome, sua palavra-alma. Esta afasta-se dela, causando-lhe fragmentação psíquica e doenças físicas. A terapia consiste, por conseguinte, em “trazer de volta”, em “voltar a sentar” a palavra na pessoa, devolvendo-lhe a saúde e a integridade. Assim, diante de uma pessoa doente, o terapeuta Guarani reza:

“(...) Envia teus filhos que redimem o dizer frente à terra, faze que eles escutem seus clamores em nossas mentes, que em função disso se produza a redenção do dizer. Desta maneira concede-me grandeza de coração, grandeza de coração que nunca se bifurcará” (Cadogan, 1992, p. 164-7).

Mas, quando a palavra, definitivamente, não tem mais assento na pessoa, esta morre, tornando-se uma palavra desarticulada. Antes da morte, porém, os Guarani almejam chegar à plenitude, alcançar grandeza de coração, o que se dá através da prática da virtude que se enraíza na palavra: a reciprocidade. Todo o sistema social e religioso está estruturado nessa virtude, que, por sua vez, estrutura o ideal de pessoa humana. Entre as expressões que especificam a busca e a realização desse ideal estão: a justiça, as boas palavras, as palavras justas, o amor recíproco, a diligência, a paz, a serenidade e o coração puro. Algumas destas expressões destacam-se na oração de Paulito Aquino, um dos líderes religiosos do grupo:

*Che ru, ojoete emboroy, embohory yvy
Meu pai, o nosso mútuo corpo esfria, alegre a terra
Che ru oñoñe'e emboroy, embohory yvy
A nossa mútua fala esfria, alegre a terra
Che ru(a) piraguái emboroy embohory yvy
A braveza-violência esfria, alegre a terra
Che ru(a) ataguái emboroy, embohory yvy
O que está pegando fogo esfria, alegre a terra
Che ru oñoñe'e (a)guapy káva emboroy, embohory yvy
O lugar onde sossega nossa mútua fala esfria, alegre a terra
Che ru oñoño'e (a)tataguái emboroy, embohory yvy
A nossa mútua fala se abrindo em chamas esfria, alegre a terra
Che ru oñoñe'e (a)karai (a)piraguái emboroy, embohory yvy
O sangue mútuo da nossa palavra esfria, alegre a terra
Che ru oñoñe'e (a)karai ataguái emboroy, embohory yvy
A chama da nossa mútua palavra esfria, alegre a terra
Che ru oñoñe'e (a)guapykáva emboroy, embohory yvy
O lugar onde se senta nossa mútua palavra esfria alegre a terra
Papa tapia rete marangatu
E nosso corpo terá sempre algo bom para contar (Chamorro, 1998, p. 151).*

Amor à vida

Tradicionalmente, a perfeição da Palavra era a culminação de uma série de aperfeiçoamentos, que se davam na comunidade de reciprocidade e que implicavam a tarefa de tornar-se um bom agricultor, de alcançar a perfeição pessoal e de aperfeiçoar

a terra. Hoje, porém, dada a condição de “desterrados” em que se encontram muitas comunidades, fica cada vez mais difícil para os Guarani alcançarem a perfeição, porque não dispõem dos espaços territoriais adequados para sua produção econômica.

Mesmo retornando a antigos territórios Guarani, esses indígenas são tidos como intrusos, como invasores. E eles estão cada vez mais conscientes de que já não é possível encontrar a “Terra Sem-Mal”! Sentem-se impotentes para aperfeiçoar a terra! A terra na qual eles poderiam viver seu modo de ser tradicional, definitivamente, não existe mais!



Professor indígena Guarani – Aldeia Rio Branco

“Para onde ir? Tanto no Oriente como no Ocidente, a mesma devastação, o mesmo cerco (...) Desapareceram as selvas e os montes. Tudo se converte em campo (...) Toda terra converteu-se em mal” (Melià, 1989, p. 346).

Cercados pelo mal, para os Guarani, não poucas vezes, a vida parece transcender submetida a uma dinâmica centrífuga. Somente alhures e no porvir poderão realizar sua infinita possibilidade de ser. Só quando alguém transpuser vitoriosamente os obstáculos da existência é que nele se realizará o parentesco que o une ao Pai. Mas os Guarani já foram vítimas desse “otimismo” com que assumem sua própria redenção. Foram acometidos por uma obsessão que tomou conta deles e, em momentos de crise, levou-os à alienação compulsória deste mundo.

A atitude que predomina, porém, não é a de desespero. Assim, quando os Guarani ouvem o branco dirigir-se a eles como quem não tem mais cultura por não ter mais tradição, eles reagem e afirmam que os Guarani existem e que existirão sempre. É o que eles tentam dizer ao mundo ao

publicar suas músicas no CD “Memória Viva Guarani”. Mesmo ameaçados pelo “Mal Sem-Terra”, têm dado um belo testemunho de amor à vida, de que vale a pena interromper a falta de esperança e entoar um canto!

4. Culturas locais e globalização: o destino das borboletas

No contexto da globalização atual, precisamos ter presente o caráter dissimétrico do contato das culturas tradicionais com a sociedade envolvente. Expostos ao preconceito das pessoas e instituições da sua vizinhança, os Guarani, por exemplo, em alguns casos, comportam-se como lhes convém - como “civilizados”, católicos ou evangélicos. Fazem isso para se tornar “invisíveis” àqueles que, de outro modo, veriam neles motivos de chacota ou pessoas a serem catequizadas.

As escolas estatais que funcionam nas comunidades indígenas são um bom exemplo de como continua imperando o antiindigenismo do poder público. Oferecendo, por via de regra, apenas o ensino convencional e, muitas vezes, ainda em língua portuguesa, os indígenas aceitam essas escolas como uma espécie de fronteira entre sua cultura local e a cultura genérica, a cujo serviço estão as escolas. Neste caso, o saber local não recorre à escola para se conservar; ele se perpetua e se recria através do próprio cotidiano e dos rituais do grupo. Em relações como esta, a dissimetria consiste em o Estado pressupor que as sociedades indígenas carecem de educação, quando simplesmente elas não aderiram à educação estatal.

Mas essa situação tem sido revertida por algumas aldeias. Umas são radicais em impedir o funcionamento da educação escolar estatal; outras aceitam a educação escolar, desde que sejam garantidas a integridade e a autonomia do grupo. Um exemplo



Escola Indígena da Aldeia de Itarari

interessante está ocorrendo na aldeia de Sapukaí em Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Ali a comunidade incrementa sua própria escola, conforme seus interesses e necessidades. Ensina-se na língua do grupo, e o ensino está sob a orientação de líderes autóctones. Alguns desses indígenas são inclusive fotógrafos. Fizeram curso de fotografia com o fotógrafo Paulo Porto Borges e com as lentes de suas máquinas retratam a si próprios, na perspectiva escolhida por eles.

Se considerarmos que a continuidade de uma etnia depende da capacidade do grupo de manter simbolicamente suas fronteiras de diferenciação, é de esperar que os Guarani, como fizeram até agora, continuem mantendo a codificação das diferenças culturais que os distinguem de seus vizinhos, renovando-a permanentemente.

Porém, mesmo partilhando da opinião de que os indígenas são capazes de se relacionar de forma crítica com a sociedade envolvente, temo que essa esperança nos leve ao falso convencimento de que a globalização atual não representa nenhum risco para eles. Não podemos esquecer que data de apenas 50 anos o contato mais intenso dos grupos Guarani destacados nas fotos deste número do “Cadernos do COMIN” com a sociedade envolvente e que uma avaliação abrangente do que eles “perderam” nesse tempo ainda não foi feita.

Uma observação atenta das situações novas que o contato intenso lhes impôs irá mostrar, provavelmente, que a religião indígena não pôde transformar algumas conseqüências nefastas do contato com a cultura ocidental e com o cristianismo.

Instauração do diálogo

Do ponto de vista ético, a globalização não pode ser vista como uma tendência à homogeneização dos povos do planeta, como uma oportunidade para que o leviatã - a cultura chamada ocidental - devore as borboletas - as culturas tradicionais ou locais. Numa perspectiva teológica intercultural, a globalização deve trazer a oportunidade para uma efervescência das especificidades e a instauração de um diálogo entre os povos. Ouçamos a voz de um Mbyá-Guarani do litoral:

“Cada tradição, cada costume, seja dos Guarani ou de outros povos, seja dos brancos, ela tem valor. Porque Deus criou para cada nação, para cada etnia, para cada povo, para cada país. (...) Cada costume (...) é uma riqueza que a gente tem. (É uma riqueza) da força de Deus” (Memória Viva Guarani).

Contraditoriamente, a Igreja foi um dos tentáculos através do qual a cultura chamada ocidental se apresentou ao mundo como o único e verdadeiro modo de ser humano e cristão. O já comentado confronto entre os agentes da religião cristã e os xamãs Guarani mostra que os indígenas criticaram severamente a universalidade autodeclarada do cristianismo ocidental. Eles foram protagonistas de fatos históricos paradigmáticos para compreender a incapacidade cristã para o diálogo inter-religioso na América Latina.

Numa experiência da palavra aberta, os Guarani históricos incluíram ritos e símbolos cristãos em seu sistema e começaram a se identificar com os missionários. Quando essa palavra retornou decodificada e ressemantizada para os cristãos, eles

rejeitaram-na radicalmente, extirpando a voz do emissor e matando aquele que se mostrou como sujeito da fala. Voltou-se assim ao silêncio, ao ponto de partida a partir do qual prevaleceu a linguagem cristã. É o ethos do monoteísmo cristão universalizando o que era regional, mediterrâneo, globalizando uma experiência cultural politicamente hegemônica, a despeito de experiências culturais locais.



Criança Guarani - Aldeia Mborore

Hoje, a missão cristã de tradição católica ou evangélica entre os Guarani caracteriza-se ainda, na maior parte das vezes, por querer cristianizar os indígenas, transformando-os antecipadamente em descrentes. Para essas missões, os aborígenes não são sujeitos de palavra nem de fé. Elas não reconhecem que os indígenas têm uma vida religiosa e que as suas convicções são a base sobre a qual eles constroem sua visão de mundo e de seres humanos. Ao não reconhecer essas qualidades, “as missões se reduzem a escolas de superstições, já que não pregam o cristianismo, e sim os gestos supersticiosos de uma cultura que se diz, sem razão, cristã” (Melià, 1997).

Caráter restitutivo

Ao contrário do que se faz com frequência, a missão cristã junto aos povos indígenas deveria ter um caráter restitutivo. Em tempos da globalização antropofágica, que acelera consideravelmente os processos de epistemicídios e etnocídios em curso há 500 anos nas Américas, isso significa apoiar os

aborígenes para preservarem sua dignidade. E terem autoconfiança para, em condições iguais, entabular um diálogo (cultural, político, religioso, etc.) com os seres humanos de outros continentes e com os moradores das cidades e da zona rural dos países em que eles habitam. Em outras palavras, missão cristã implica engajar-se contra os processos que ameaçam converter os Guarani em cidadãos genéricos, no mais baixo proletariado. Implica lutar com eles pela recuperação ou aquisição da terra onde lhes seja possível viver em paz e em liberdade, conforme eles entendem hoje seu bom modo de ser.

Na história dos Guarani, também pode ser visto que, frente às medidas políticas necessárias para efetivar o mundo globalizado, os indígenas já deram o primeiro passo.

“A vida sem fronteiras, como pensamento político que está sendo elaborado por grandes constitucionalistas e praticado, ainda que timidamente, por membros de não poucos países, é algo que os Guarani vivem com a maior naturalidade, sem contradições e sem problemas para os Estados em cujos territórios permanecem” (Melià, 1997, p. 46).



*Criança Guarani - Pi'aí Barra do Ouropegua yvy rehe ñomarambota ramõguare
- Aldeia de Barra do Ouro/RS - 1995*

Essa naturalidade com a qual um grupo Guarani transcende as fronteiras e se relaciona com grupos Guarani de outros Estados, e mesmo com a sociedade envolvente, é um convite a que os Estados por eles habitados os reconheçam como povos de cultura diferenciada, que enriquecem e embelezam não só os Estados que eles habitam, mas o mundo inteiro.

*“Singular e assombroso o destino de um povo como os Guarani!
Marginados e periféricos, nos obrigam a pensar sem fronteiras.
Tidos como parcialidades, desafiam a totalidade do sistema.
Reduzidos, reclamam cada dia espaços de liberdade sem limites.
Pequenos, exigem ser pensados com grandeza.
São aqueles primitivos cujo centro de gravitação já está no futuro.
Minorias, que estão presentes na maior parte do mundo” (Melià, 1997, p. 50).*

Referências

- BURRI, Stefannie. Un pueblo en dispersión, los Mbyá. *Acción*, 1(137):27-30. Asunción, 1993.
- CADOGAN, León. Ayvu rapyta (o fundamento do dizer), textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. *Boletim*, São Paulo, USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, (227):1-227, 1959.
- _. Ayvu rapyta, textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá. (Ed. Bartomeu Melià), Asunción, FUNDACIÓN "LEÓN CADOGAN" - CEADUC - CEPAG. 1992, 321p. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, 16).
- CARTAS DE INDIAS (1a. ed. 1877). Madrid, Atlas, 1974, 2v. (Biblioteca de Autores Españoles, 264-266).
- CHAMORRO, Graciela. A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra. São Leopoldo, Sinodal, 1998. 234 p. (Teses e Dissertações, 10).
- GANDIA, Enrique de. Francisco de Alfaro y la condición social de los indios; Río de la Plata, Paraguay, Tucumán y Perú. Siglos XVI y XVII. Buenos Aires, Ed. : El Ateneo", 1930. 576 pp.
- GARAY, Blás. Tres ensayos sobre historia del Paraguay. Asunción, Guaranía, 1942.
- GARLET, Ivori. Introdução a Discussões sobre a situação de saúde dos Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul. São Leopoldo, COMIN, 1998.
- __. Mobilidade Mbyá: história e significado. Porto Alegre, PUCRS, 1997. 200 p. (Dissertação de Mestrado).
- GARLET, Ivori & ASSIS, Valéria. Diagnóstico da População Mbyá-Guarani no Sul do Brasil, 1999 (Cadernos do COMIN Nº 7).
- GASKA, Enrique. Del canto al llanto: situación de las comunidades indígenas afectadas por la represa de Itaipu. *Acción*, 7(137):16-19. Asunción, 1995.
- MCA: Manuscritos da Coleção de Angelis, v. I: Jesuitas e bandeirantes no Guairá (1549-1640). Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951. (Publicado por Jaime Cortesão).
- MELIÀ, Bartomeu. A experiência religiosa guarani. In: MARZAL, Manuel. O rosto índio de Deus. Petrópolis, Vozes, 1989. p. 293-348.
- _. El Paraguay inventado. Asunción, CEPAG, 1997.

MEMÓRIA VIVA GUARANI. Ñande Reko Arandu - Cantos gravados pelas aldeias Rio Silveira - São Paulo, Sapucaí - Angra dos Reis - Rio de Janeiro, Morro da Saudade - Parrelheiros - São Paulo, Jaexoaporã - Ubatuba - São Paulo - São Paulo, Zabumba, 1999.

MIRAGLIA, Luigi. Caza, recolección y agricultura entre indígenas del Paraguay. Suplemento antropológico, Asunción, 10(1-2), 1975. In: Acción, set. 1995, p. 19.

NIMUENDAJU, Kurt Unkel. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamento da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1987.

RUIZ DE MONTROYA, Antonio. Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. Madrid, 1892.



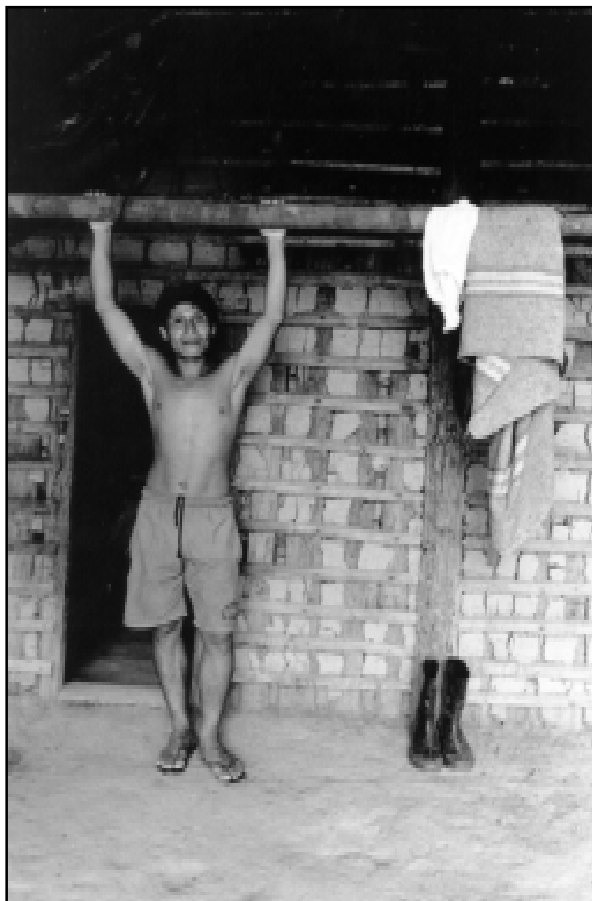
Aldeia de Sapukai/RJ - Angra dos Reis/RJ



Família Guarani - Guarani Josuamoguára - Aldeia de Capoeirão/SP - 1997



Lideranças Guarani construindo refeitório - Koty karua voñã - Aldeia de Sapukai/RJ - 1998



*Professor Guarani
Celso Vera Mirim
- Porombo'ehára Celso
Vera Mirim - Aldeia de
Sapukai/RJ - 1998*